Universidade de Ribeirão Preto
Jornalismo

THALLES GREGÓRIO SILVA

AS CONEXÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NO LIVRO “A VIDA SECRETA DA GUERRA”

Ribeirão Preto
2020

Thalles Gregório Silva

AS CONEXÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NO LIVRO “A VIDA SECRETA DA GUERRA”

Monografia apresentada à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Murilo Pinheiro

Ribeirão Preto
2020

THALLES GREGÓRIO SILVA

AS CONEXÕES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NO LIVRO "A VIDA SECRETA DA GUERRA"

Monografia apresentada à Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovação: __/__/__

_____
Prof. Me. Murilo Pinheiro
Universidade de Ribeirão Preto

_____
Prof. Me. César Mulati
Universidade de Ribeirão Preto

_____
Angelo Davanço
Jornalista

Dedico este trabalho aos meus amigos e familiares,
que me ajudaram ao longo desta caminhada. Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu orientador e à minha co-orientadora pela competência, paciência e confiança, as quais me possibilitaram a conclusão deste trabalho.

Ao meu grande amigo, Rauni Marques.

Aos meus colegas de sala.

Aos meus professores.

A Universidade de Ribeirão Preto, muito obrigado!

“Tal qual um jornalista literário de hoje, seu mergulho na realidade tira do cotidiano o que é efêmero, dando-lhe sobrevida, uma durabilidade prolongada que eterniza um momento, registra com arte um momento histórico, ultrapassa o tempo” (Edvaldo Pereira Lima).

RESUMO

A presente pesquisa faz um estudo detalhado da relação entre jornalismo e literatura, a fim de evidenciar sua importância para o fazer jornalístico. Logo, o ponto de partida escolhido foi o livro-reportagem A Vida Secreta da Guerra (2010), de Peter Beaumont, que promove uma reflexão acerca do Jornalismo Literário, trazendo uma abordagem social sobre esta pesquisa, sendo um fator de relevância para a compreensão das características e propósitos da narrativa jornalística. Dessa forma, foram analisadas, por meio da pesquisa bibliográfica, 15 técnicas literárias e narrativas utilizadas no Jornalismo Literário: gancho, linearidade, humor, epifania, spoiler, interatividade, figuras de linguagem, descrição, diálogo, reviravolta, monólogo interior, emoção interior, intensidade dramática, *flashfowards*, *flashbacks* e prefiguração. Detectou-se a presença de sete desses artifícios, são eles: humor, figuras de linguagem, descrição, diálogo, intensidade dramática, *flash-fowards* e *flashbacks*. Esses recursos fornecem uma visão realista, rica em detalhes e aprofundada do ambiente dos acontecimentos. Todavia, além da utilização das técnicas, existe um trabalho extensivo de apuração, coleta de dados e testemunhos a fim de apresentar as informações sob diversos pontos de vista, aproximando o ocorrido do universo do leitor. Uma parcela dos leitores já reconheceu a importância do Jornalismo Literário e essa valorização abriu as portas de jornais, revistas, editoras e universidades para os profissionais desse segmento. No entanto, muitos acadêmicos ainda vão na contramão, desconsiderando o estilo em detrimento de uma notícia fria e superficial.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Fatos. Visão detalhada.

ABSTRACT

This research makes a detailed study of the relationship between journalism and literature, in order to highlight its importance for doing journalism. Therefore, the starting point chosen was the book-report The Secret Life of War (2010), by Peter Beaumont, which promotes a reflection on Literary Journalism, bringing a social approach to this research, being a relevant factor for understanding characteristics and purposes of the journalistic narrative. Thus, through literature search, 15 literary and narrative techniques used in Literary Journalism were analyzed: hook, linearity, humor, epiphany, spoiler, interactivity, figures of speech, description, dialogue, turnaround, inner monologue, inner emotion, dramatic intensity, flashfowards, flashbacks and prefiguration. The presence of seven of these devices was detected, which are: humor, figures of speech, description, dialogue, dramatic intensity, flash-fowards and flashbacks. These resources provide a realistic, detailed and in-depth view of the events environment. However, in addition to the use of techniques, there is an extensive work of investigation, data collection and testimonies in order to present the information from different points of view, bringing what happened to the universe of the reader. A portion of readers have already recognized the importance of Literary Journalism and this appreciation has opened the doors of newspapers, magazines, publishers and universities for professionals in this segment. However, many academics still go against the grain, disregarding style at the expense of cold and superficial news.

Keywords: Literary journalism. Facts. Detailed view.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Peter Beaumont 21

SUMÁRIO

1 A LITERATURA QUE INSPIRA O JORNALISMO 7

1.1 Primeiras aparições no Brasil 8

1.2 À frente de seu tempo 9

1.3 Uma nova era para o Jornalismo Literário brasileiro 10

1.4 A realidade viva e pulsante 11

1.5 Verdade e Credibilidade 12

1.6 Ponto fora da curva 12

1.7 Caminhos a serem percorridos 13

2 UM MUNDO A SER DESCOBERTO 14

2.1 O império da veracidade 15

2.2 Filhos de uma mesma técnica 16

2.3 Guerras demonstradas de uma forma nunca vista antes 19

3 DOIS UNIVERSOS QUE CAMINHAM LADO A LADO 22

3.1 Caracterização pormenorizada 22

3.2 Na voz dos que vivenciam 23

3.3 Oceano de sensações 25

3.4 O passado que enriquece 26

3.5 Intensidade dramática 27

3.6 Motivando o leitor 28

3.7 Enriquecimento textual 28

3.8 Escassa aparição 30

3.9 Ausências 31

Introdução

O Jornalismo Literário une Imprensa e Literatura a fim de produzir reportagens mais detalhadas. De acordo com Castro (2010), aparentemente, até agora, todas as tentativas de definição sobre o Jornalismo Literário redundaram em fracasso. Martinez (2017) concorda, reforçando que ainda há muitas discussões sobre a definição do termo no Brasil e no mundo.

A prática surgiu a partir da necessidade de informar a população. De acordo com Pena (2006), a narrativa jornalística nasceu na Pré-História quando o homem aprendeu a se comunicar. Entretanto, foi marginalizada por séculos pelos grandes pensadores da área, que acreditavam que o leitor não tinha tempo para ler jornal, então precisavam de notícias curtas e extremamente objetivas e pela falta de investimentos, seja para a contratação de novos talentos, seja para aumentar o número de páginas na impressão do jornal ou revista.

O Jornalismo Literário desempenha importante papel na sociedade, sendo conhecido como “Literatura de Realidade, mas ele ultrapassa essa nomenclatura porque é a própria noção de realidade” (CASTRO, 2010, p.5).

Pena (2006) ressalta ainda que graças a esses recursos literários utilizados no Jornalismo Literário, os fatos podem ser discutidos de forma ampla e cidadã, sem prender-se às amarras objetivas do lide.

Logo, este trabalho buscou evidenciar quais são as técnicas literárias presentes no livro-reportagem A Vida Secreta da Guerra (2010), do jornalista Peter Beaumont, que são utilizadas amplamente no Jornalismo Literário para a construção da narrativa do fato. O intuito foi demonstrar que existe relação entre jornalismo e literatura, como ela ocorre e sua importância.

As técnicas literárias analisadas foram gancho, linearidade, humor, epifania, spoiler, interatividade, figuras de linguagem, descrição, diálogo, monólogo interior, emoção interior, intensidade dramática, *flashfowards*, *flashbacks* e prefiguração.

Para isso, foi importante estudar os conceitos do Jornalismo Literário para facilitar a compreensão do conteúdo da obra em estudo, demonstrar as diferenças entre os recursos literários e jornalísticos e verificar se na obra estavam presentes elementos que caracterizem a técnica literária na apresentação do fato.

A análise do livro-reportagem A Vida Secreta da Guerra foi de extrema importância, pois trouxe uma reflexão acerca do Jornalismo Literário, segmento

ainda pouco explorado no mundo acadêmico. Além disso, a obra de Peter Beaumont é parte importante desse processo, uma vez que traz um compilado de grandes guerras, como a entre Israel e Palestina e a do Afeganistão, trazendo um tom social para este projeto, sendo um fator de relevância para a compreensão das características e propósitos da narrativa jornalística.

Peter Beaumont ocupa os cargos de editor e correspondente internacional do jornal *The Observer*, o profissional narra detalhadamente o dia a dia em zonas de conflito. A Vida Secreta da Guerra remonta aos 15 anos, do jornalista, cobrindo guerras contemporâneas, como a do Afeganistão, Iraque, Israel e Palestina e Congo a partir dos pontos de vista dos civis e dos guerrilheiros. O profissional foi ao cerne dos conflitos, sem segurança alguma, para entender motivações de combatentes, dar voz ao sofrimento velado dos cidadãos, que são reduzidos ao pó, e mostrar ainda como o medo e a violência podem se tornar cotidianos[1] (THE GUARDIAN, 2020).

Para melhor conhecimento do assunto, a pesquisa bibliográfica foi escolhida como metodologia para fornecer base teórica consistente ao estudo:

> Pesquisa Bibliográfica, em um sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de formar a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam usados posteriormente na redação de um trabalho acadêmico (DUARTE, J.; BARROS, A. e Col, 2005, p.51).

Os argumentos foram construídos com base na leitura de livros, artigos científicos e publicações na internet. Desse modo, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro abordou os conceitos do Jornalismo Literário, o segundo capítulo trouxe a história do autor e o contexto no qual o livro foi escrito, além de embasamento teórico sobre o livro-reportagem, e o terceiro trouxe a análise dos recursos literários que desempenham papel jornalístico e literário.

Com os objetivos atingidos plenamente, este trabalho salientou a intersecção entre jornalismo e literatura e sua relevância para o mundo e para o fazer

[1] Tradução livre da seção Support The Guardian, do jornal britânico The Guardian.

jornalístico. Os resultados enriqueceram o material acadêmico a respeito do Jornalismo Literário, que é escasso, e poderão servir como suporte para outros pesquisadores prosseguirem com projetos na área.

1 A LITERATURA QUE INSPIRA O JORNALISMO

O Jornalismo Literário é “a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*[2], técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas” (CASTRO, 2010, p.5). Apesar de desempenhar uma significativa função na sociedade, esse estilo de jornalismo é pouco requisitado, sendo comumente confundido com produtos da ficção.

Martinez (2009) afirma que a semente do Jornalismo Literário, que proporcionou ganhos mútuos, afinal os jornalistas se basearam nas técnicas literárias para aprofundar o fato e manter a atenção dos leitores, ao mesmo passo que os escritores encontraram uma forma de lucrar ainda mais com seu trabalho, foi plantada pelos escritores do século XVII, como o autor londrino Daniel Dafoe (1660-1731). “Dafoe publicou em 1722 O Diário do Ano da Peste, livro onde descreve minuciosamente a epidemia de peste bubônica que vitimou, segundo o escritor, 100 mil pessoas na capital inglesa em 1665” (MARTINEZ, 2009. p.4).

A parceria entre jornalismo e literatura é selada de fato em meados do século XIX, com a passagem do Romantismo para o Realismo, na qual o desejo era mostrar o ser humano como ele realmente é, sem suavizar com a criação de comportamentos e situações para esconder sua verdadeira essência. A título de exemplificação se tem a obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1821-1880), que com originalidade retrata a insatisfação de Emma com a vida matrimonial e a de adultério. Somado a isso:

> Um cronista memorável de seu tempo foi Honoré de Balzac (1799-1850), que descrevia seus personagens física e psicologicamente com precisão cirúrgica. Do conjunto de sua obra – intitulada *Comédia Humana*, reunião de mais de 90 contos e romances – destaca-se *Eugênia Grandet,* que narra a paixão de uma jovem provinciana, filha de agricultor que enricara a custa de trabalho duro, pelo primo parisiense, aristocrático e falido (MARTINEZ, 2009, p.4).

Deixando a ficção de lado, Balzac escreveu Os Jornalistas (Ediouro) como uma crítica profunda e impetuosa dos meios de comunicação do século XIX. Além de Flaubert e Balzac, o escritor-jornalista Charles Dickens (1812-1870) também é considerado um precursor da narrativa jornalística, dado que viveu no ápice da

---

[2] Conhecimento resultante da capacidade de resolver problemas de forma prática.

Revolução Industrial e abdicou de temas que abordassem a grandiosidade do império britânico. O autor preferiu se voltar à comunidade operária inglesa, que enfrentava condições insalubres e difíceis de vida.

A obra de Dickens que serve como um grande exemplo de Jornalismo Literário é *Sketches by Boz*, composta por 56 textos, retrata cenas e pessoas de Londres. Boz era seu pseudônimo no jornal *Morning Chronicle*.

Já no século XX, a cobertura de guerras fortalece, ainda mais, o vínculo entre jornalismo e literatura, tendo como um dos expoentes o jornalista John Reed (1887-1920) que reconstruiu com maestria os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Mexicana e da Revolução Bolchevique.

1.1 Primeiras aparições no Brasil

A primeira experiência jornalística e literária brasileira, ainda muito primitiva, ocorreu com o engenheiro militar Euclides da Cunha (1866-1909), que foi escalado pelo jornal O Estado de São Paulo para cobrir a Guerra de Canudos, em 1897. Antônio Conselheiro e seus seguidores foram confundidos com restauradores da Monarquia pela frágil República, instituída pouco tempo antes. “Seus textos tinham dramaticidade e autoria. Em lugar de limitar-se aos fatos, procurava compreender as linhas subterrâneas das forças que tinham moldado o episódio de Canudos” (LIMA, 2010, p.44).

O segundo contato dos brasileiros com o Jornalismo Literário acontece com João do Rio, pseudônimo para João Paulo Alberto Coelho Barreto, que mergulhou nas transformações que o Rio de Janeiro, a então capital do Brasil, passava a fim de equiparar às nações europeias que pegaram carona na modernização proporcionada pela Revolução Industrial:

> João do Rio faz o que nenhum contemporâneo seu fazia nas redações: sai às ruas, entrevista, toma notas, faz enquetes – pesquisas de opiniões primitivas –, descobre e revela aos leitores os múltiplos retratos de uma sociedade que ainda não conhece sua face coletiva (LIMA, 2010, p.47).

O jornalista produziu reportagens como A Alma Encantadora das Ruas, que trouxe à tona o cotidiano carioca sob o ponto de vista de profissionais que figuravam longe dos holofotes, como policiais e vendedores de livros.

Esses dois exemplos ressaltam uma importante característica do Jornalismo Literário brasileiro: a preocupação social, por conseguinte o objetivo dos autores é compreender os acontecimentos e o contexto no qual estão inseridos.

Outrossim, esse atributo da narrativa jornalística brasileira demonstra uma relação muito próxima com a sociologia, ora de forma propositiva, ora de modo inconsciente. Graças à parceria com essa importante disciplina humanística, é possível compreender as organizações sociais e culturais permeadas por seus costumes, relações, fenômenos e estruturas, que são plano de fundo de todo e qualquer acontecimento, seja ele positivo ou negativo.

1.2 À frente do seu tempo

Martinez (2017) traz ainda duas grandes contribuições, posteriores a Euclides da Cunha e João do Rio, para o Jornalismo Literário: as revistas Realidade e O Jornal da Tarde.

Os primeiros exemplares da Realidade saíram no dia 1º de abril de 1966 com uma proposta na contramão dos grandes produtos da época, que já estavam em decadência, O Cruzeiro e Manchete. “Mas a primeira perde o fôlego, parece não conseguir reciclar sua fórmula, que se esgota, depois de tanto sucesso” (LIMA, 2008, p.223).

A Manchete também não atendeu plenamente os interesses do público, visto que dedicava grande parte do seu tempo à qualidade de fotos e ilustrações. Esquecendo-se do texto de profundidade, negligenciou o ato de informar e promover a reflexão e, assim, os leitores não viram mais sentido em consumir um produto tão superficial.

Por sua vez, a Realidade trouxe a universalidade das pautas, que eram trabalhadas de forma aprofundada, ao mesmo passo que as imagens eram feitas especificamente para a reportagem, servindo como mais uma fonte de informação e reflexão para os leitores.

Independente da pauta, cada nova edição da revista era um verdadeiro dossiê. Com textos e imagens igualmente bem feitos, a Realidade levava o Brasil em sua essência para a casa de toda a sociedade.

Esse nível de profissionalismo e dedicação à informação dos leitores só foi possível graças ao repórter, pois ele:

> [...] vai ao encontro do universo que tem de cobrir, mistura-se com ele, confunde-se até onde é possível, para captar pelo cérebro e pelas entranhas, pela emoção e pela razão, as componentes lógicas e subjetivas da vida que o trespassa e pela qual tem de atravessar com presença e envolvimento para retratá-la. O repórter e o fotógrafo mergulham na mesma missão de observação participante por um prazo em geral dilatado de capturação (LIMA, 2008, p.229).

Além disso, as produções da Realidade eram ousadas, indo contra o formato engessado de jornais e outras revistas da época. Cada jornalista era livre para escrever à sua maneira.

Neste capítulo, foi dada ênfase à revista Realidade por ela ser “a nossa mais revolucionária resposta jornalística e de maior sucesso popular” (LIMA, 2008, p.224). Prosseguindo a discussão, O Jornal da Tarde nasce também em 1966 objetivando pautar a capital paulista:

> O modelo sofre alterações ao longo do tempo, mas consegue firmar duas tendências de forma – a excelência da linguagem plástica, criatividade do texto literário – e uma tendência de fundo – a busca da interpretação (LIMA, 2008, p.237).

Ambas as experiências literárias da década de 60 tiveram pouco tempo de vida, uma vez que Realidade e do O Jornal da Tarde não conseguiram manter o nível daquilo que se propunham: qualidade de apuração e de imagens. As equipes perderam ainda a criatividade e leveza textuais e passaram a oferecer um produto tendencioso e denso, tornando a leitura cansativa e pouco reflexiva.

1.3 Uma nova era para o Jornalismo Literário brasileiro

Com a decadência da Realidade e do O Jornal da Tarde, abriu-se espaço para a inserção dos livros-reportagens no Brasil. A editora Alfa-Omega, que era abertamente contra a ditadura militar, com o interesse em estimular a produção de obras que promovessem a reflexão e criticidade do povo brasileiro, inaugurou esse novo momento da narrativa literária brasileira com grandes obras de repórteres brasileiros e de escritores que se arriscaram no universo do jornalismo:

> A linha de produção que a Alfa-Omega abriu para o livro-reportagem teve um grande impulso com A ilha, de Fernando Morais, que saiu em formato de bolso. O título daria origem a uma coleção, “Repórter Brasileiro”, cuja tônica é a reportagem, de cada livro, sobre um país socialista específico (LIMA, 2008, p.242).

Ademais, para popularizar esse novo formato de livro, a diretoria da editora fez uma pesquisa extensiva e encontrou uma prática francesa denominada de História Imediata.

A Alfa-Omega adotaria essa forma francesa de contar os fatos, mas com uma finalidade diferente. Enquanto na França tais livros tinham a função de debater e refletir sobre os acontecimentos, no Brasil a missão das obras seria informar a população sobre os temas censurados das páginas de jornais e revistas. Por esse fato, “a fórmula brasileira não exigiria a instantaneidade, mas sim o ineditismo. E para ter alcance popular, haveria necessidade de definição por um formato revista” (LIMA, 2008, p.243).

O formato revista foi escolhido justamente por ter custos baixos e chegar a um número considerável de pessoas. Entretanto, a volta da democracia enfraqueceu o projeto, cuja intenção era explorar as temáticas censuradas.

A partir da editora Alfa-Omega, o Jornalismo Literário foi trabalhado quase que, exclusivamente, em livros-reportagens. Em poucas exceções a narrativa jornalística consegue ser trabalhada, no dia a dia, por profissionais que lutam para incluir seu estilo nos veículos de comunicação onde atuam.

1.4 A realidade viva e pulsante

“Há assuntos delicados e interessantes demais que não podem ocupar as 20 linhas da notícia. Precisam de mais espaço, de mais pesquisa, de maior corpo. Não somente isso. Precisam de alma, de coração, para narrar as histórias” (MONTIPÓ, C.; FARAH, A., 2009, p.8).

O modelo fechado do jornalismo convencional já não é satisfatório, os leitores desejam saber os porquês e como, para assim, conseguir conectar-se aos fatos, fortalecendo o elemento básico da convivência em sociedade: a humanidade. Logo:

> […] nada é o que é por si só. Tudo tem duas faces, simultaneamente. Uma face objetiva e outra subjetiva. Tudo está relacionado com outras coisas, tudo só faz sentido quando tem a ver com outras, em processos dinâmicos de ação em que têm importância tanto o lado objetivo como o sutil (LIMA, 2010, p.20).

Como também,

> Ao darmos destaque às pessoas, conseguimos com que o leitor se identifique com elas. Isso é o que atrai à leitura. E, se o leitor se identifica com os personagens das nossas histórias, tem a oportunidade de descobrir

> nelas alguma coisa sobre si próprio. Conhecer o outro é conhecer a si mesmo. Ler sobre as experiências de outros seres humanos, por mais distantes da nossa realidade, é conhecer um pouco mais a espécie humana. E quando aprendemos algo a mais sobre a humanidade, estamos iluminando a compreensão sobre nós mesmo (LIMA, 2010, p.24).

Dessa forma, a literatura é a melhor aposta do jornalismo, afinal une com maestria emoção e verdade. No entanto, apesar desse tom comunitário, o gênero ainda é pouco difundido pelo País, onde se vê um jornalismo preso à estrutura do lide, passando a informação ao público da maneira mais rápida e superficial possível.

Esse comportamento é fruto de uma herança americana, que desconsidera os interesses e aptidões emocionais e intelectuais do leitor. Não é preciso ir longe para exemplificar: as notícias sobre os dados da Covid-19, no Brasil, não refletem no aumento da porcentagem de isolamento social, uma vez que a informação é fria e robótica, não dialogando com o público, ou seja, não há identificação com os personagens do fato narrado. A identificação é uma das premissas de mudança no contexto econômico, político e social, uma vez que gera impacto e empatia, além, é claro, de abrir margem para a reflexão e troca de experiências.

1.5 Verdade e credibilidade

Engana-se quem diz que o Jornalismo Literário é imaginativo e tendencioso. O jornalista literário e a verdade compõem uma simbiose, na qual o profissional só pode trabalhar os elementos que a realidade lhe fornece. Logo:

> Se chove todos os dias em Belém do Pará após o almoço, no verão, mas naquele dia em que chegou à cidade para fazer uma reportagem sobre os barcos que partem da cidade para a ilha de Marajó, nada aconteceu, o repórter não pode inventar. Não pode dizer que o mau tempo sobre a baía do Guajará fez com que dona Maria Quitéria, mãe de três filhos, recolhesse da rua sua banca de açaí e tapioca às 13h30, torcendo para que o sol voltasse a tempo de ainda completar as vendas do dia com os passageiros que embarcam após o expediente de trabalho, no fim da tarde (LIMA, 2010, p.18).

Portanto,

> Só mesmo uma postura acadêmica tacanha, cristalizada em referências teóricas antigas – elaboradas quando a sociedade era bem menos complexa e bem menos multicultural como é hoje –, para não reconhecer o valor narrativo – portanto, literário – alcançado por muitas obras brilhantes do jornalismo literário. Só mesmo o desconhecimento do que esse campo já

> produziu ao longo de mais de um século, no Brasil e no mundo, para refutar casos de valor (LIMA, 2010, p.25).

Em Ciência da Computação, um algoritmo é uma sequência de comandos com a função de solucionar um problema, assemelhando-se a uma receita culinária. Logo, se um algoritmo não for programado de forma correta, com todas as combinações, ele resolverá parcialmente a adversidade. Assim é o Jornalismo Literário. Ele complementa o relato rápido e superficial do fato, trazendo cheiros, sabores, emoções, formas e cores, integrando o leitor à cena, fazendo-o sentir toda a energia do momento, como se ele fosse um dos personagens envolvidos.

Além de apenas contar o fato, a narrativa jornalística questiona e elucida, fornecendo ao público instrumento suficiente para compreender, refletir e tomar uma posição acerca do fato. O Jornalismo Literário está muito mais próximo à verdade do que o jornalismo convencional, uma vez que para remontar todo o ambiente e condições do ocorrido, é necessária uma investigação exaustiva.

1.6 Ponto fora da curva

Como todo outro gênero que foge ao convencional, o jornalista literário é definido, superficialmente, em guerras, perfis e viagens. Todavia, o fazer da narrativa vai muito além e se propõe a discutir uma questão-chave, um problema que impacta o quadro social e humano de uma sociedade.

Essa função social, “essa voz discordante, fora do discurso oficial de governos e poderosos é um dos caminhos trilhados pelo Jornalismo Literário em muitos países” (LIMA, 2010, p.31), como é o caso da editora Alfa-Omega, já citada anteriormente, que introduz o livro-reportagem no Brasil a fim de informar a população sobre os temas censurados pela Ditadura Militar instalada em 1964. Em suma, o Jornalismo Literário toca em feridas que a sociedade não permite que venham à tona, inserindo o leitor dentro da questão como uma testemunha ocular. Assim:

> A matéria jornalística que conta os fatos, mas agrega o clima, a atmosfera psicológica, os gritos, o pavor dos agonizantes, o medo dos soldados da linha de frente, o estampido dos rifles, o estrondo do tiro de canhão, a correria selvagem da tropa avançando para o ataque de baioneta, o sangue vermelho misturado à terra preta dos que caem com o ventre aberto, entranhas à mostra, o olhar parado no vazio dos cadáveres abandonados

> no campo de batalha. O texto que não apenas conta educadamente um evento, mas lança o leitor direto para dentro da experiência, para a intensidade dramática das coisas (LIMA, 2010, p.37).

Os profissionais que se arriscarem no mundo da narrativa jornalística deverão dominar campos que se encarreguem de estudar o ser humano e suas relações, tais como Antropologia, História, Psicologia e Sociologia.

O jornalista literário deve dispor de sensibilidade para conseguir se conectar ao outro, para que dessa forma possa compartilhar de seus sentimentos e, assim, fazer uma obra humana. A humanidade é o principal pilar de um livro-reportagem, por conseguinte o leitor se identifica, solidarizando-se, com o fato que está sendo descrito na narrativa e fica interessado em ler até o final para conhecer o desfecho.

Concomitantemente, o Jornalismo Literário brasileiro exerce função de denúncia, trazendo à tona temas que foram pouco abordados pela imprensa cotidiana e, consequentemente, pouco discutidos pela sociedade, como é o caso do livro Rota 66, de Caco Barcellos, que traz dados e histórias sobre a atuação da Polícia Militar de São Paulo entre as décadas de 1970 e 1990. Assim como Sangue Azul, de Leonardo Gudel, que expõe o absurdo e chocante triângulo da criminalidade composto pelo tráfico de drogas, corrupção policial e política, no Rio de Janeiro.

1.7 Caminhos a serem percorridos

O Jornalismo Literário possui um modo de produção consolidado. Apesar disso, ainda existem algumas lacunas no fazer da narrativa jornalística, pois “é preciso que o jornalista literário, neste século XXI de grandes desafios, compreenda também o sentido e o propósito do seu trabalho sobre uma base mais avançada” (LIMA, 2010, p.84).

Além de dimensionar o impacto de sua atuação, o profissional deve fortalecer a área com pesquisas mais consistentes, pois quase não há produções acadêmicas referentes ao Jornalismo Literário.

Conciliando estudos e consciência da importância da profissão na sociedade contemporânea, o jornalista literário estará utilizando seu dom para romper com os antigos padrões, contribuindo para a construção de um mundo melhor, sem preconceitos, injustiças e desigualdade social.

Os estudos acadêmicos falham na missão de auxiliar a prática da narrativa jornalística. Digna de boicote, essa má vontade acarreta um ciclo vicioso de achismos, que sem pesquisas, descobertas e reflexões, inviabilizam e desestimulam o fazer do jornalista literário.

2 UM MUNDO A SER DESCOBERTO

Antes de ingressar no universo de Peter Beaumont e sua obra A Vida Secreta da Guerra, este trabalho abordará o fazer do livro-reportagem e suas classificações no Jornalismo Literário ocidental.

“O livro-reportagem é o veículo de comunicação não-periódico, que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2008, p.26), conquistando Estados Unidos e Europa logo após a 1ª Guerra Mundial, pois percebe-se que a imprensa apenas contava o fato, sem refletir sobre os impactos de determinado acontecimento para a sociedade e sua ligação com outros fatos.

E apesar do pouco espaço reservado para o Jornalismo Literário na América Latina, “é inegável que essa modalidade de veiculação da grande reportagem faz parte do já vasto panorama em que se apresenta o jornalismo moderno, diversificado em suas múltiplas faces” (LIMA, 2008, ps. 3 e 4).

A narrativa jornalística é fruto do faro investigativo do jornalista que deseja aprofundar-se no tema, mas não encontra apoio no veículo de comunicação onde trabalha. Sendo assim, o livro-reportagem surgiu para remediar a superficialidade e sensacionalismo da imprensa cotidiana.

O livro-reportagem não apresenta regularidade de publicação e a atualidade deve ser tratada de forma mais abrangente, afinal leva-se um tempo maior para a averiguação dos fatos e a produção da obra, então o atual será o ocorrido de alguns dias ou semanas.

O círculo editorial investe cada vez mais no livro-reportagem. Esse aumento ocorre pelo baixo custo de impressão, mas acima de tudo a possibilidade de compartilhar a narrativa em diversas plataformas, como o aplicativo Livros, da Apple, e a Kindle Direct Publishing – plataforma de livros on-line mais popular do mundo.

Mesmo com a missão de informar e promover a reflexão para estimular novos posicionamentos na sociedade, o livro-reportagem ainda é desvalorizado pela comunidade acadêmica, logo “há carência de trabalhos que formem um patamar conceitual básico, sobre o qual se poderá avançar para questões específicas, particulares, desse universo” (LIMA, 2008, p.4).

O preconceito com esse segmento do jornalismo vem da dilatação do tempo. No livro-reportagem, o atual não é especificamente o presente instante, engloba uma época, um período. Além do fato nu e cru, remonta toda a atmosfera com

acontecimentos precedentes e interligados, criando um dossiê de como e por que o ocorrido se seguiu de determinada forma, sendo mais que uma reportagem, é uma obra jornalística que assume tom histórico, podendo ser consultada a qualquer momento, característica que o jornalismo convencional não contempla, já que as supérfluas informações são esquecidas em um limbo de milhares de dados fornecidos diariamente.

2.1 O império da veracidade

“Apesar de toda a liberdade que o jornalista ganha ao se propor escrever um livro-reportagem, este não se pode permitir que a imaginação tome conta do relato” (GUZZO, M; TEIXEIRA, N, 2008, p.5), garantindo “a veracidade de cada acontecimento através de entrevistas, observação constante e duradoura e muita pesquisa sobre o que está tratando” (GUZZO, M; TEIXEIRA, N, 2008, p.4).

O jornalista literário não deve se contentar com apenas dois lados da história, pois assim as verdades se anulam, já que para cada afirmação existe uma negação, e o texto não chegará a lugar nenhum. Como por exemplo se tem um empresário acusado de corrupção por seu funcionário, cada um encontrará recursos para sustentar sua verdade e contradizer o argumento do outro. Com base nessa situação, que se estende a muitos outros cenários, o escritor deve ouvir o máximo de fontes possíveis para remontar o ambiente o mais próximo do que realmente aconteceu. Posto isso,

> O processo de produção do livro-reportagem se distingue assim dos demais, porque além da disciplina de verificação e investigação ser necessária em todas as etapas, a fase de apuração também se estende até a versão final. Os procedimentos do processo de produção dialogam durante todo o trabalho (PEREIRA Jr, 2006, p.67-93 apud ROCHA, P.; XAVIER, C, 2013, p.12).

Além de ouvir um número considerável de fontes, o jornalista deve investir em descrição e diálogos para trazer veracidade e humanidade ao texto, uma vez que são elementos essenciais para atrair o leitor e fazer com que ele leia a publicação até o final.

Uma outra forma de se manter fiel à realidade é o narrador adentrar no ambiente do fato que irá retratar, ou seja tornar-se um dos personagens, e, desse jeito, ele terá em suas mãos uma gama maior de experiências que comprovarão a

autenticidade do ocorrido e despertarão, ainda mais, a atenção do leitor. Desse modo,

> A participação do autor na narração acontece por meio do “eu” como testemunha ou do “eu” como próprio personagem da história narrada. De alguma forma o jornalista ou o escritor é colocado na história por ele próprio, contando sua forma de investigar, entrevistar e abordar (GUZZO, M; TEIXEIRA, N, 2008, p.7).

Outra característica fundamental para a construção do livro-reportagem é a humanização, “ou seja, aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto” (ROCHA, P.; XAVIER, C, 2013, p.13).

Não obstante, é preciso saber utilizar o recurso da humanização, afinal o sensacionalismo mora ao lado e quando essa prática entra em campo, o compromisso com a verdade se esvai e permanece somente o desejo de chocar a opinião pública.

As relações entre jornalismo e literatura são conflitantes desde seus primórdios, pois o jornalista preza pelo dado, pela comprovação e pela velocidade de transmissão da informação. Por sua vez, o autor de ficção preza por um mundo imaginativo, com jogos e combinações de estruturas que transportem o leitor para outra realidade. O ponto de intersecção entre esses dois universos é a palavra utilizada de modo intensivo para entregar e convencer o leitor sobre as verdades que ambos trazem.

2.2 Filhos de uma mesma técnica

Compartilhando as mesmas técnicas jornalísticas, Lima (2008) apresenta uma variedade de livros-reportagem que diferem em relação à temática e ao modelo de tratamento narrativo.

Livro-reportagem-perfil: “obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, 2008, p.51). Outro formato dentro dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, cuja narrativa gira em torno da trajetória de uma pessoa em específico. A título de exemplificação tem-se a obra Diana, Sua Verdadeira História, de Andrew Morton, que recorda a vida da princesa e mãe dos príncipes Harry e William.

Livro-reportagem-depoimento: “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada” (LIMA, 2008, p.52). Pode ser escrito por um jornalista ou pela própria pessoa que viveu aquela história. “O tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada” (LIMA, 2008, p.52). Ilustrando essa modalidade está o objeto de estudo deste trabalho A Vida Secreta da Guerra, de Peter Beaumont.

Livro-reportagem-retrato: “não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão” (LIMA, 2008, p.53). De caráter educativo, o objetivo é evidenciar seu funcionamento, os obstáculos que enfrenta e grandes realizações. O pesquisador traz como exemplo o livro *Airport International*, de Bryan Monahan, com os proscênios do aeroporto *Heathrow*, em Londres.

Livro-reportagem-ciência: nasceu com a função de abordar produções científicas. “Pode também apresentar caráter de crítica ou reflexão” (LIMA, 2008, p.53). Como exemplo, o autor traz Antártida, do brasileiro Luiz Oscar Matzenbacher, que desvenda o continente.

Livro-reportagem-ambiente: “vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas” (LIMA, 2008, p.53). Ilustrando essa modalidade, Edvaldo Pereira Lima cita Os Andes, de Tony Morrison, que analisa os ecossistemas da cadeia de cordilheiras.

Livro-reportagem-história: “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente” (LIMA, 2008, p.54). Como exemplo tem-se Rota 66, do jornalista Caco Barcellos, que retrata a violência policial – tema extremamente atual.

Outro formato dentro dessa modalidade é o livro-reportagem-empresarial, que “trata da história empresarial, focalizando mundo de negócios, um grande grupo ou uma atividade produtiva” (LIMA, 2008, p.54). O pesquisador traz como exemplificação a obra *The Chosen Instrument – Juan Trippe/ Pan Am – the rise and fall of an American entrepeneur*, de Marylin Bender e Selig Altschul, que conta a história de uma companhia aérea tecnologicamente mais avançada e, por esse fato, influenciou a aviação mundial.

Ainda dentro dessa categoria, há o livro-reportagem-epopeia, abarcando, “com grande magnitude, episódios de grande relevância social” (LIMA, 2008, p.55).

O autor ilustra essa modalidade com México Rebelde, de John Reed, com a insurreição liderada por Pancho Villa e Francisco Madero em 1920.

Livro-reportagem-nova-consciência: discute as “novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo” (LIMA, 2008, p.55). Edvaldo exemplifica com a obra *Murieron para vivir: el resurgimiento del Islam y el Sufismo em España*, de Francisco Lópes Barrios e Miguel José Haguerty, que traz o renascimento islâmico e do Sufismo (dimensão mística do Islamismo).

Livro-reportagem-instantâneo: trata de um evento recente, desde que já tenha alguma conclusão ou solução. Nesse caso, o autor traz a obra A sangue quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog, de Hamilton Almeida Filho.

Livro-reportagem-atualidade: “seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não conhecidos” (LIMA, 2008, p.56). Ilustrando essa modalidade, Edvaldo cita *Struggle for take off*, de Duncan Campbell-Smith que trata do processo de privatização da empresa britânica *British Airways*.

Livro-reportagem-analogia: “cumpre a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros” (LIMA, 2008, p.57). O autor exemplifica com o livro O circo do Desespero, no qual o jornalista Audálio Dantas reúne algumas de suas reportagens feitas entre 1957 e 1972.

Livro-reportagem-denúncia: esse tipo de obra “apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade” (LIMA, 2008, p.57). Como exemplificação tem-se Vidas Secas, de Graciliano Ramos, que denuncia a exploração humana.

Livro-reportagem-ensaio: traz a “presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do mesmo ponto de vista do autor” (LIMA, 2008, p.58). Edvaldo evidencia essa prática com o trabalho realizado por Louis Pauwels e Jacques Bergier, O Despertar dos Mágicos: Introdução ao Realismo Fantástico, dedicado às áreas do conhecimento pouco exploradas.

Livro-reportagem-viagem: “apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, analisando vários aspectos das realidades possíveis do

local” (LIMA, 2008, p.58), como *On the road*, de Jack Kerouac, no qual o escritor percorre a rodovia que liga a Costa Leste a Costa Oeste dos Estados Unidos e vai descrevendo as paisagens, como é o relacionamento entre as pessoas dos lugares por onde passa, os costumes, as crenças e os desejos.

2.3 Guerras demonstradas de formas nunca vistas antes

Crueldade Antropológica. É com essa expressão que o jornalista Peter Beaumont caracteriza o seu trabalho de minerar histórias em áreas de conflito para seu livro-reportagem A Vida Secreta da Guerra.

> O repórter britânico mostra como a guerra é construída a partir do medo, do orgulho e da belicosidade. Mais do que colocar o leitor dentro do ambiente do conflito, papel de todas as grandes reportagens de guerra, Beuamont busca elucidar como se dão as guerras atuais e que fazem os jornalistas dentro desses ambientes caóticos (SUPLEMENTO PERNAMBUCANO, 2020).

Com um texto frio e rico em detalhes, o objetivo da obra é fazer com que o leitor vivencie, como uma testemunha ocular, o que acontece nas guerras contemporâneas, em locais como Faixa de Gaza, Israel, Iraque, Congo, Líbano, Bálcãs, Afeganistão e Kosovo, evidenciando a mistura de medo, impotência, raiva, dor e esperança que os civis enfrentam durante um conflito.

Além disso, a obra carrega ainda o propósito de refletir acerca dos efeitos psicológicos irreversíveis, como o transtorno de estresse pós-traumático, que é caracterizado por *flashbacks* frequentes, paranoia e dessocialização, impedindo as pessoas que passaram por essa experiência, como civis, jornalistas, médicos e os próprios soldados, de terem uma vida social calma, feliz e equilibrada no ambiente familiar ou profissional.

Como um adicto em substâncias químicas, o próprio Beaumont afirma que “com o início da guerra no Líbano, o que eu quero é entrar em um avião”. Ainda segundo o autor, tal sensação nasce de “um mal colocado senso de autoimportância”.

O repórter também presenteia o leitor com uma contemplação sobre o exercício de ser correspondente de guerra, levando ao questionamento “sobre o que faz uma pessoa escolher estar ali e o que faz um jornalista ir atrás da ação *in sito*” (CASSANO, 2015).

Figura 1 – Peter Beaumont

Fonte: Reprodução/ The Guardian

Peter Beaumont nasceu em 28 de novembro de 1961, em Skegness, no Reino Unido e trabalha atualmente como editor e correspondente internacional do jornal *The Observer*, além de escrever para o jornal irmão *The Guardian*.

3 DOIS UNIVERSOS QUE CAMINHAM LADO A LADO

Jornalismo e literatura são universos distintos na proposição e estruturação do texto, no entanto convergem em um único ponto: o objetivo do texto. Ambos trabalham para transpassar a sua verdade, trazendo elementos que confirmem e ilustrem a realidade em questão.

Este capítulo demonstrará como Peter Beaumont importa o fazer literário a fim de complementar a atmosfera do ocorrido e atrair o leitor à obra de análise e à observação do fato.

Tendo em vista esse objetivo, será analisado o teor descritivo do texto; o papel que o diálogo exerce na obra; a inserção do leitor na atmosfera do ocorrido por meio da função subjetiva; o ofício complementar do passado à sequência de acontecimentos trabalhados no livro-reportagem; o drama, evidenciando a fragilidade humana, que promove a identificação com o próximo.

Serão analisados ainda estruturas simples que enriquecem e diversificam o texto – como linguagem simples, capítulos curtos e figuras de linguagem – além de evidenciar recursos pouco utilizados ou que não foram usados pelo jornalista ao longo do texto, por exemplo a técnica *flash-foward*.

3.1 Caracterização pormenorizada

A descrição é um dos três pilares do Jornalismo Literário, já que sem ela o leitor não consegue se espelhar no personagem ou se sentir parte do ambiente. Essa técnica é crucial, pois coloca o leitor na pele de quem viveu o acontecimento. Logo, “os pormenores são essenciais para se distinguir um determinado momento de qualquer outro, desse modo, a presença de adjetivos e locuções adjetivas é traço distinto de um texto descritivo” (VILARINHO, 2020).

Em A Vida Secreta da Guerra, Peter Beaumont utiliza amplamente esse recurso para transportar o leitor para o ambiente onde a ação está ocorrendo, tornando quem lê testemunha visual do fato:

> Só depois que passo pelo arvoredo é que as dimensões da casa do mulá Omar se revelam. Agora vejo que é algo mais do que um compound[3]: tem o porte de uma pequena aldeia, cheia de casas baixas, muitas danificadas por bombas e foguetes que se estendem por centenas de metros em todas as direções. Andando, vejo que o lugar é complexo como um túmulo egípcio. São compounds dentro de compounds. Todos cercados por uma ampla

[3] Muros que circundam um conjunto de casas, comércios e/ou hotéis com o objetivo de proteção contra o fogo inimigo; uma fortaleza.

> muralha de tijolos com quase cinco metros de altura. Sobranceiro em toda a paisagem está o esguio minarete da mesquita particular do mulá Omar. A distância ela tem uma certa graça e elegância (BEAUMONT, 2010, p.57).

Bem como, “Os quartos são pouco mais do que celas, esconderijos escuros, sem janelas, com paredes de tijolo cru, praticamente sem nada dentro. Vemos umas tigelas e alguns outros objetos de cozinha espalhados no meio do mato” (BEAUMONT, 2010, p.65).

Além de descrever os espaços, Peter traz características das pessoas que vivenciam o contexto do conflito bélico:

> Ala acha que tem vinte anos. Diz que não tem certeza. É o chefe de uma turma de garotos de dez a quinze anos de idade. É mais alto que os outros, magro e intenso, com a cara estreita. Os olhos são espacejados e turvos, como os de um pássaro morto. Ele está mais limpo do que os outros e, quando fala, eles o respeitam. O rosto dos garotos está negro de fuligem, por causa das fogueiras que acendem para passar a noite, e as suas roupas estão impregnada de suor e gordura (BEAUMONT, 2010, p.21).

E,

> Um dos homens que guardam a estrada apresenta-se como Fakir Mohammed. Ele é esbelto e forte, com as maçãs do rosto descarnadas e dentes podres, a mandíbula comprida e a testa larga, como a figura de um ícone ortodoxo (BEAUMONT, 2010, p.56).

Para aprofundar ainda mais a experiência do leitor com a realidade que os civis de países em conflitos são obrigados a vivenciar, diariamente, Peter descreve as cenas pós-ataques:

> Os pedaços de carne, cor de carne de vitela, peculiarmente translúcidos, que depois vão ficando cor de cinza, grudados, sem cerimônia, nas paredes, nos tetos, nos carros, nos sapatos alheios; os fragmentos de mandíbulas, de crânios e outros ossos enviados pelos ares e vistos depois em jardins, sarjetas e parques infantis (BEAUMONT, 2010, P.84).

Como também,

> As cores pálidas e doentias; os amarelos e cinzentos ressecados dos membros amputados pelas explosões. Os rostos mortos e lacerados, inertes e deformados, como gesso encharcado. Janelas arrebentadas e chaves, sapatos e fragmentos humanos espalhados (BEAUMONT, 2010, p.156).

E,

> A demolição da parede frontal fez com que o telhado cedesse na parte central, formando um largo “V” sobre as acomodações do andar de cima. Deixou também exposto um quarto interno solitário, que mantinha a sua forma, seus ângulos retos em meio ao colapso dos planos das paredes e do teto (BEAUMONT, 2010, p.178).

A descrição é crucial para o desenvolvimento de uma obra, pois é o que vai combater uma possível superficialidade, estimulando os cinco sentidos do leitor, promovendo a imaginação visual e o transportando para o fato narrado, evitando assim o engessamento de quem lê. Por isso, é importante a caracterização 360º, ou seja, fornecer todas as informações possíveis do ambiente, do objeto, da situação ou da pessoa retratada.

3.2 Na voz dos que vivenciam

O segundo pilar do Jornalismo Literário é o diálogo. As vozes contidas no livro-reportagem ofertam vida e verossimilhança ao texto e, simultaneamente, dão voz aos personagens, ajudando na construção de seus perfis.

Peter Beaumont utiliza esse recurso de forma equilibrada e coerente, trazendo apenas o que é relevante e necessário para o curso da narrativa, sem excessos:

> A outra casa de Samiullah – a que fica no Afeganistão – é uma fazenda a uma hora de estrada da olaria, em uma aldeia chamada Sohrobai. A área não é segura e por isso a família permanece no Paquistão. “Às vezes o Taleban ataca. Às vezes a Coalizão bombardeia. Então eu deixo a família lá. Às vezes eu vou lá ver”, diz ele inspirando pena. “Tem um fazendeiro para quem eu dei uma terra para cuidar. Às vezes ele cultiva papoula para ópio. Às vezes trigo. Ele me dá uma parte do dinheiro”. Mas nem os fornos estão totalmente livres de perigos. “Três dias atrás chegaram uns ladrões armados e roubaram o nosso dinheiro e os nossos cartões de telefone”. Samiullah fica triste. Eu não sou otimista. Acho que pra mim seria bom morrer” (BEAUMONT, 2010, p.252).

Bem como,

> Vim ao encontro de Awad porque sei que antes de suicidar-se, matando a vítima, Wafa Idris reclamaram dos transtornos que ela própria sofria em função da sua exposição aos que sofrem ferimentos nos choques e combates. Awad sabe disso. “Para falar a verdade, eu acho que eles vão continuar atirando ainda mais nas nossas ambulâncias”, diz ele. “A propaganda deles diz que Wafa foi a Jerusalém de ambulância e isso não é verdade.” Um indício de ira aparece em seu resto. “Ela só trabalhava às sextas-feiras, mas isso lhes dá a desculpa para nos atacar”. A frase termina com resignação (BEAUMONT, 2010, p.163).

Além de,

> “Tá vendo? Esta é uma faca dobrável. Você tem que usar assim”, ele gala enquanto os dedos envolvem o cabo, “se você enfiar a faca em alguém, a sua força pode quebrar o gancho de segurança e a faca vai se fechar por cima dos seus dedos”. Ele olha em volta e ri, com um sorriso alegre e vulgar. “Você tem que segurar assim”. Ele vira a faca para mostrar como colocou os dedos. “Mas se você quer ter uma faca – então o que você quer é uma faca KA-BAR. Estamos parados por algum tempo e o motorista empresta a sua. É uma adaga longa e sólida, como uma lâmina de uns vinte centímetros e o cabo fixo. “Isto se usa como uma baioneta”, diz Briggs.

> “Você enfia e roda.” Passa a faca para Rhoz e acrescenta com seriedade: “Não quero ver essa faca pendurada na sua blindagem, a não ser que saiba como usar” (BEAUMONT, 2010, p.136).

E,

> Com um rifle de assalto pendurado no ombro, como proteção, ele propõem um enfoque alternativo para explicar por que as pessoas preferem papoulas opiáceas em vez de árvores frutíferas. “Plantar árvores requer tempo e esforço”, diz ele. “Para plantar uma árvore, você tem que ter confiança no seu futuro, na sua possibilidade de colher o seu fruto. Se você não está seguro sobre onde estará dentro de um ano, a papoula é a melhor opção (BEAUMONT, 2010, p.250).

Seja de característica objetiva – com alguma descrição ou explicação – ou característica subjetiva, o recurso diálogo, utilizado por Peter, amadurece o personagem, dando forma à sua realidade.

3.3 Oceano de sensações

Integrando o terceiro e último pilar do Jornalismo Literário está a subjetividade, que consiste no interior do ser humano – composto pelas emoções e pensamentos – e como esse se conecta com o meio externo, resultando em traços únicos na estruturação do indivíduo, que por sua vez compõem a consciência coletiva de grupos sociais.

Peter Beaumont utiliza desse recurso extensivamente para aproximar o leitor do que o profissional está presenciando, reunindo impressões, sentimentos, pensamentos e reflexões para chegar o mais próximo possível da realidade do leitor:

> Percorrendo em comboio as estradas sempre vulneráveis às bombas poderosas que estão por toda parte, eu percebo esse momento como uma inexplicável sensação de contentamento que se espalha pelo meu corpo a partir do estômago, como se fosse morfina (BEAUMONT, 2010, p.25).

Como ainda,

> Fico pensando que essas casas isoladas, na noite do deserto, vistas do céu, são um reflexo do modo pelo qual tentamos compreender o Iraque; do modo pelo qual eu tento compreender o conflito. Vemos apenas os pontos mais brilhantes e visíveis, mas não o que está por trás da escuridão profunda (BEAUMONT, 2010, p.39).

Além de “tenho a sensação desagradável de olhos que me observam através da máscara de gás, apesar de não poder ver o rosto do homem atrás dela” (BEAUMONT, 2010, p.45), há também:

> Não sinto nenhuma ligação com este lugar, nenhum modo de sentir-me localizado, sem intuições em que posso basear-me, sem ninguém em quem possa confiar diante de 360 graus de ameaças. E sinto que nenhuma orientação é segura em um local desocupado há tão pouco tempo pelo Taleban e seus aliados da Al-Qaeda (BEAUMONT, 2010, ps. 46-47).

E,

> As notas e diagramas vão dando forma a um jovem (suponho) atento, educado, e não muito competente. A princípio, acho que deve ser formado em engenharia elétrica, mas depois vejo que não sabe nem por qual lado ele tem que ligar um dos componentes e que precisa anotar a cor do lado correto. Formo a sua imagem, sentado no chão, com as pernas cruzadas, em um pequeno grupo, cansado das constantes leituras, talvez um pouco enjoado da comida. Ele se sente sujo, com o pé ficando dormente, cheio de agulhadas provocadas pela posição em que está há tanto tempo. Em outros momentos percebo um sentimento de deslumbramento e autoconfiança, quando ele escreve – “Eu vou conseguir” (BEAUMONT, 2010, p.67).

Apesar de trazer discordância em certos casos, a subjetividade acrescenta, e muito, para o jornalista literário. Afinal, é por meio dela que ele consegue dar vida aos seus anseios, medos, angústias e alegrias, fazendo com que o lado humano do profissional dialogue com o lado humano do leitor. É por isso que o livro-reportagem é tão atrativo, pois ele traz a identificação por meio da sensibilidade do lado humano, fazendo o leitor se interessar pelo mundo que o jornalista literário apresenta através dos sentidos e das emoções.

3.4 O passado que enriquece

Em seu livro-reportagem, Peter Beaumont faz uso do *flashback* de forma menos constante que a tríade do jornalismo literário descrita nos tópicos acima.

Os *flashbacks* são lembranças estimuladas por situações do presente. Ao longo da obra, o jornalista utiliza esse recurso para contar algo que aconteceu em seu passado, mas que de alguma forma tem relação com a situação vivida por ele naquele momento do livro:

> Uma vez eu estava sob fogo de morteiros e metralhadoras na encosta de uma colina nevada, no Kosovo, com uma jornalista holandesa. Preocupada de ser o alvo mais fácil por conta do tamanho de sua cabeça, ela ficou o tempo todo atrás de mim, tratando de enfiar a cabeça na neve, ainda que fosse um milímetro mais. E assim superamos aquilo (BEAUMONT, 2010, p.31).

Como ainda,

> Percebo que esta guerra não é como a guerra dos Bálcãs, onde havia frentes de combate, ainda que rudimentares e descontínuas, e uma certa identidade europeia comum, que servia de alívio e permitia conversas sobre futebol, música e cinema. Lá era possível ter um mapa da geografia mutante dos conflitos (BEAUMONT, 2010, p. 46).

E,

> Uma vez, bem ao final da longa guerra civil de Angola, viajei da cidade de Cuito – em ruínas; conhecida como a Stalingrado de Angola – por estradas ameaçadas por minas e emboscadas, até a grande ponte de ferro, também em ruínas, cuja estrutura cedeu sobre o rio Kwanza. O objetivo era obter uma dessas imagens já gastas: uma cabeça humana colocada sobre uma vara em um posto de controle (BEAUMONT, 2010, p.92).

Embora não tenha uma frequência elevada como a descrição, o diálogo e a subjetividade, o *flashback* exerce importante papel no texto, pelo fato de enriquecer a obra com ocorridos de outras épocas. No entanto, é preciso saber dosar a quantidade do recurso que será utilizada, pois o excesso de *flashbacks* aniquila o movimento do texto. Em sua narrativa jornalística, Beaumont usufrui da técnica de forma consciente e oportuna.

3.5 Intensidade dramática

“A palavra “drama” vem do grego e significa “ação”, logo, é um acontecimento com elevada carga emocional. Esse artifício é primordial tanto para obras literárias como para obras jornalísticas, uma vez que traz vida ao texto, pois os acontecimentos ali descritos trazem respostas emocionais e sensoriais inerentes à vida humana, despertando a identificação do leitor com as situações descritas ao longo do trabalho.

A utilização desse método é visível em:

> Poucas semanas depois, o próprio Sizemore estava morto, atingido no estômago por um franco-atirador, o primeiro dos treze homens da sua unidade que morreram nessa missão, um grupo que sofreu uma das maiores taxas de mortalidade de toda a guerra. Arrancado da vida aos 31 anos; sua voz insistente silenciada (BEAUMONT, 2010, p.16).

Bem como,

> Vejo um garoto amedrontado, levado pelo braço por um homem armado, que espreita em um canto. Poucos minutos depois, uma mulher e seus três filhos pequenos são levados para a rua à nossa frente, para que um guerrilheiro com um foguete lançador de granadas tente acionar, por detrás deles, a arma contra o carro em que eu estou (BEAUMONT, 2010, p.31)

Além de,

> Um dia, um desses garotos conseguiu apertar os meus testículos, metendo a mão entre as minhas pernas, por detrás, rápido e sorrateiro. Senti os dedos apertando os meus colhões contra a palma da mão, até que me viro e lhe dou um soco no lado da cabeça. Fico aterrorizado com as possíveis consequências e ainda mais com a expressão de perplexidade do meu companheiro de viagem, que acha que nós vamos morrer na briga que pode começar. Segue-se um momento pleno de possibilidades de danos (BEAUMONT, 2010, p.48).

E,

> Um homem jaz no chão, sem camisa, com as mãos amarradas nas costas com um pano branco. O mesmo pano, sujo de sangue, também lhe veda os olhos. Outro homem vestindo uniforme, com o rosto cuidadosamente escondido por um gorro, inclina-se sobre o prisioneiro. Rápida e metodicamente ele começa a cortar sua garganta. Mas o que fica na minha memória não são os últimos momentos do refém, que respira através de uma traqueia trêmula e seccionada, nem os gritos, nem o sangue arterial, irrealisticamente vermelho, nem mesmo a separação teatral da cabeça. É a maneira como o assassino usa a faca: uma série de movimentos frios e encadeados, que penetra fundo na garganta da vítima, enquanto o executor segura a sua cabeça em busca de tendões e músculos para cortar (BEAUMONT, 2010, p.145).

Independentemente de o recurso não ser empregado com a mesma assiduidade que a tríade do Jornalismo Literário, Peter usa a intensidade dramática de forma estratégica no decorrer da obra para atrair o leitor e fazer com que ele renove seu interesse pelo que está sendo dito e prossiga a leitura até o final.

3.6 Motivando o leitor

A Vida Secreta da Guerra apresenta algumas características que em um primeiro momento passam despercebidas, todavia são cruciais na captação leitor. Peter investiu em linguagem simples e capítulos curtos com pequenas doses de humor.

O humor é uma ferramenta amplamente utilizada por autores para trazer leveza e um momento de descontração à obra. Peter utiliza desse recurso em:

> Inicialmente o acontecimento me parece chocante, até que depois um dos afegãos do norte dá uma gargalhada e me conta uma história que os habitantes de Cabul repetem a respeito dos sulistas: até os corvos que voam sobre Kandahar cruzam as asas para proteger a bunda (BEAUMONT, 2010, p.48).

Bem como em,

> Ele diz que está com diarreia, faz uma careta, segura o estômago e me pede quinhentos afs, para comprar um antibiótico. Dez dólares. Começo a afastar-me pelo espaço aberto da sala de concertos. Mas sinto pena de Mahmoud e afinal resolvo dar o dinheiro. Ele o recebe e se vai e eu tenho a certeza que vai mais comprar mais drogas (BEAUMONT, 2010, p.259).

A linguagem mais acessível democratiza o conteúdo, já que um número maior de pessoas pode ler e conhecer um pouco mais sobre o universo das guerras, ao mesmo passo que os capítulos curtos estimulam a leitura por serem mais objetivos. O humor ameniza parcialmente o meio caótico, triste e desumano dos conflitos bélicos, dando o tom mais leve ao trecho, sendo uma boa forma de respiro e manter a atenção do leitor.

3.7 Enriquecimento textual

As figuras de linguagem são recursos que os autores usam para enriquecer e diversificar o texto:

> Esses recursos revelam a sensibilidade de quem os utiliza, traduzindo particularidades estilísticas do emissor da linguagem. As figuras de linguagem exprimem também o pensamento de modo original e criativo, exploram o sentido não literal das palavras, realçam sonoridade de vocábulos e frases e até mesmo, organizam orações, afastando-a, de algum modo, de uma estrutura gramatical padrão, a fim de dar destaque a algum de seus elementos (MOREIRA, 2020).

Peter Beaumont utiliza abundantemente as figuras de comparação e elipse. A comparação está presente quando há analogia explícita, por meio de termos comparativos, entre dois ou mais elementos, por exemplo em “olho para fora, através do vidro blindado, tão grosso que distorce as imagens, como uma vigia de barco” (BEAUMONT, 2010, p.16). Bem como em “com a libertação de 40 a 50 mil prisioneiros por Saddam, a cultura das drogas, típicas das prisões, inundou as ruas de Bagdá, como um vírus que ataca um computador” (BEAUMONT, 2010, p.23).

Há também em “essas barreiras se acumularam e endureceram como recifes abandonados em um mar que se foi” (BEAUMONT, 2010, p.36). Ademais, o recurso de comparação está presente em “um dos homens está agachado como uma fera faminta, com um sorriso de quem está no inferno” (BEAUMONT, 2010, p.44) e “ao contrário, está tudo sem vida e estiolado, como um esqueleto desenterrado da areia do deserto” (BEAUMONT, 2010, p.62).

A elipse consiste na omissão de termos que aparecem frequentemente, como é o caso dos pronomes pessoais “eu” e “nós”. No livro-reportagem A Vida Secreta da Guerra, Peter faz uso desse recurso, página após página, para evitar o excesso de componentes da oração, como por exemplo em “seleciono e filtro; separo e misturo, à medida que observo, fazendo as minhas próprias alterações, nem sempre sutis” (BEAUMONT, 2010, p.20).

Há outras amostras em “pergunto sobre o Artane, sobre o seu efeito, tentando relacioná-lo com as minhas próprias experiências” (BEAUMONT, 2010, p.22) e “voamos baixo, de modo que posso ver o interior dos terrenos das casas e o lixo que contêm – artefatos e balanços de crianças nas casas maiores” (BEAUMONT, 2010, p.38).

Além da comparação e da elipse, o jornalista insere outras figuras de linguagem de forma pontual para enriquecer o texto, são elas: metáfora, catacrese, hipérbato, assonância, aliteração, paradoxo, silepse, sinestesia e onomatopeia.

Na metáfora, é feita uma comparação tem usar o termo comparativo, a título de exemplificação se tem “minhas pernas parecem de madeira, pelo aperto da parte de trás do veículo” (BEAUMONT, 2010, p.17) e “meu carro é um submarino – de repente eu pensei – que avança cauteloso pelas profundezas da paranoia violenta da cidade” (BEAUMONT, 2010, p.33).

A catacrese “ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo” (MOREIRA, 2020). Esse recurso é utilizado em “descrevemos o conflito com uma gramática especializada em planejamentos, batalhas e objetivos conquistados e perdidos” (BEAUMONT, 2010, p.75) e “[…] em um lugar vazio, com esparsos esqueletos de árvores” (BEAUMONT, 2010, p.27).

O hipérbato é a inversão na ordem dos termos de uma oração. O recurso é utilizado por Peter em “vista de longe, a guerra se define pelos seus fenômenos de maior visibilidade” (BEAUMONT, 2010, p.19) e “por uns poucos dólares, naqueles dias, podia-se ver também um filme pornográfico” (BEAUMONT, 2010, p.24).

A assonância é a repetição de sons vocálicos. O autor utiliza em “[…] ou com álcool, antes de ir para um assalto armado” (BEAUMONT, 2010, p.18). Já a aliteração é a repetição de sons consonantais, bem como em “[…] das vidas vividas em meio à violência” (BEAUMONT, 2010, p.75).

O paradoxo consiste na combinação de termos que representam ideias opostas. Peter usufrui do recurso em “viajo através das brasas vivas de um tipo de guerra que me parece escura e desconhecida” (BEAUMONT, 2010, p.45) e “[…] um manifesto escrito com querosene e corpos que falam” (BEAUMONT, 2010, p.50).

A silepse ocorre quando há a concordância com a ideia implícita. Esse mecanismo pode ser observado em “dois de nós somos novos na cidade” (BEAUMONT, 2010, p.73).

A sinestesia é a mescla de sensações ligadas aos sentidos. Esse artifício está presente em “[…] com um cheiro forte e doce de resina perfumando o ar” (BEAUMONT, 2010, p.57) e “é do cheiro que eu me lembro mais vividamente, ao chegar a Washington, uma semana depois dos ataques: um cheiro tóxico e áspero, como de um curto-circuito gigantesco […]” (BEAUMONT, 2010, p.50).

A figura da onomatopeia é conceituada pela utilização de palavras para reproduzir sons na escrita. Peter utiliza esse recurso em “por vezes é um zumbido cansado, ou um tique-taque de motor diesel, como o de um táxi em Londres” (BEAUMONT, 2010, p.128).

As figuras de linguagem não são essenciais, mas se empregadas deixam o texto mais robusto e criam uma identidade própria para o escrito, proporcionando diversidade linguística.

3.8 Escassa aparição

Durante o texto há uma escassa aparição da técnica literária de *flash-foward*, que é caracterizada pelo corte na sequência cronológica do texto para contar um fato acontecido no futuro. Esse recurso aparece apenas em:

> Esses argumentos ficaram cinicamente em evidência na breve guerra entre a Geórgia e a Rússia, em agosto de 2008, quando ambos os lados não hesitaram em fazer acusações de “limpeza étnica” e “genocídio” contra o lado rival, para justificar seus próprios fins, mesmo quando a luta já perdia intensidade (BEAUMONT, 2010, p.168).

Esse trecho é uma *flash-foward,* pois na mesma página, no parágrafo anterior, o jornalista estava abordando um atentado terrorista de uma palestina contra israelenses no início dos anos 2000.

A tímida aparição desse artifício não prejudica o conteúdo e a estrutura do texto, pois é apenas uma técnica para tratar de eventos correlacionados, não

interferindo no caminho escolhido por Peter para contar suas experiências enquanto jornalista de guerra.

3.9 Ausências

No livro-reportagem de Peter Beaumont não há gancho, linearidade, spoiler, interatividade, reviravolta, epifania, *flash-sideways,* prefiguração, monólogo interior e emoção interior.

O gancho é um acontecimento, geralmente, ao final do capítulo, que atiça a curiosidade do leitor a seguir com a leitura. Em A Vida Secreta da Guerra, não há linearidade, cada capítulo descreve um local do mundo que esteve em conflito e eventos correlacionados, por isso, como o texto não mantém uma sequência cronológica de acontecimentos, é inviável a inserção de ganchos.

O spoiler funciona como um gancho, alguma informação sobre o futuro da narrativa que atraia o leitor para continuar com a leitura. Já a prefiguração resume-se no uso de dicas pelo autor para que o público compreenda melhor o desenvolvimento da história.

A ausência da prefiguração já indica a não-interatividade de Peter Beaumont, logo ele não desenvolve uma conversa mais íntima com o narratário. Essa herança vem do jornalismo convencional, que opera com um distanciamento entre público e repórter a fim de reforçar a ideia de imparcialidade e soberania.

A reviravolta consiste no acontecimento de algo que altera o curso da narração, sendo mais comum na ficção. No livro-reportagem é impraticável, pois como ele é atrelado à realidade, diante disso, na maioria dos casos, não existem reviravoltas, inviabilizando essa prática.

A epifania é um momento de iluminação diante de um tema ainda pouco compreendido. As reflexões de Beaumont e os acontecimentos descritos por ele, durante todo o livro, não culminaram em epifania.

A *flash-sideway* “ocorre quando a sequência primária dos eventos na história é interrompida pela interposição de uma cena representando um evento alternativo, um universo paralelo não interligado com os eventos reais” (FANDOM, 2020). Todos os eventos alternativos descritos por Peter estão relacionados com os episódios principais da narrativa jornalística.

Por fim, o monólogo interior e a emoção interior estão relacionados aos personagens, o primeiro desvela o pensamento íntimo de cada personagem. Já a

emoção interior intercorre da condução do leitor através dos sentimentos da personagem. Em A Vida Secreta da Guerra, os personagens não são tão complexos, sendo descritos fisicamente e quase não há característica sobre seu íntimo.

Mesmo com a não utilização desses recursos, não há um empobrecimento da obra, uma vez que eles não são essenciais para o desenvolvimento do texto, assumindo um caráter facultativo e complementar.

Com essa análise, percebe-se a significativa e indispensável relação entre jornalismo e literatura, que sem perder o contato com a verdade convida o público para um mergulho no ambiente do acontecimento. Mais que noticiar, o livro-reportagem proporciona uma reflexão sobre todo o universo do ocorrido e suas relações por meio de um texto rico em técnicas, sem perder a linguagem simples e a humanização.

4 Considerações finais

Visando estimular a reflexão, o Jornalismo Literário elabora um dossiê do acontecimento, remontando o ambiente exatamente como estava no momento do fato, com as pessoas e as características do espaço – cores, formas, aromas, sabores e lembranças – tudo voltado à imersão do leitor no fato.

América do Norte e Europa já reconheceram o poder da narrativa jornalística e abriram as portas de jornais, revistas, editoras e universidades para essa prática social. Ao mesmo passo que na América Latina, principalmente no Brasil, o preconceito ainda se esconde atrás do lide, insistindo em oferecer uma informação crua ao cidadão, que por sua vez não se vê capaz de solidarizar-se com o episódio, pois não há emoção, não há humanidade no que é noticiado.

Não é preciso ir longe para exemplificar o que está descrito acima: a imprensa brasileira, como um todo, trata a pandemia do novo coronavírus apenas sob a ótica do Jornalismo de Dados, com avalanches de números e porcentagens. Entretanto, esqueceram-se de que por trás das mais de 160 mil mortes, estão pessoas que amavam e eram amadas, trabalhavam, divertiam-se com os amigos e com a família e, acima de tudo, tinham muitas histórias a serem contadas, tinham muitas mais a serem vividas.

Por isso, A Vida Secreta da Guerra foi a obra escolhida, uma vez que é parte importante desse processo, trazendo um tom humano para esse projeto, sendo, ainda, um fator de relevância para a compreensão das características e propósitos da narrativa jornalística. Além, é claro, de proporcionar uma reflexão acerca do jornalismo literário, segmento ainda pouco explorado no mundo acadêmico.

A partir deste enfoque, o objetivo desse trabalho foi evidenciar quais eram as técnicas literárias e narrativas presentes no livro-reportagem do jornalista Peter Beaumont, que são utilizadas amplamente no Jornalismo Literário para a construção da narrativa do fato. Demonstrou-se como ocorre a relação entre Jornalismo e Literatura e como ela estimula a conscientização coletiva, a empatia e, é claro, a reflexão.

Com base na pesquisa realizada, das 15 técnicas literárias e narrativas sugeridas no início desse trabalho – gancho, linearidade, humor, epifania, spoiler, interatividade, figuras de linguagem, descrição, diálogo, reviravolta, monólogo interior, emoção interior, intensidade dramática, *flashfowards*, *flashbacks* e prefiguração – detectou-se a presença de 7 desses artifícios, são eles: humor,

figuras de linguagem, descrição, diálogo, intensidade dramática, *flash-fowards* e *flashbacks*.

Contudo, esses recursos não aparecem com a mesma intensidade ao longo do texto. Notou-se a ampla utilização do diálogo, descrição e intensidade dramática, considerados os pilares do Jornalismo Literário, pois juntos conferem à obra veracidade, riqueza em detalhes e humanidade.

As demais técnicas foram usadas, ocasionalmente, durante o decorrer da narrativa para enriquecer o texto, atendendo as demandas da função poética, na qual o que é levado em conta é a forma como a mensagem é transmitida, havendo uma grande preocupação com as palavras e estruturas utilizadas – como as figuras de linguagem.

No campo das figuras de linguagem é importante ressaltar três que foram usadas abundantemente: elipse, comparação e metáfora. A primeira foi utilizada por intenções textuais, a fim de impedir a reprodução excessiva de termos, em grande parte dos pronomes pessoais “eu” e “nós”.

Por sua vez, a comparação e a metáfora foram usadas para aproximar as analogias e o universo do leitor e são, ainda, uma forma de dar vida às sensações e pensamentos de Peter Beaumont.

O recurso menos utilizado foi o *flash-foward,* em razão de Beaumont não querer se afastar da linha central do texto, com receito de se perder em meio a tantos eventos correlacionados. Essa tendência também foi vista na moderada aparição de *flashbacks,* que foram utilizados apenas em situações oportunas, de caráter complementar.

Os recursos gancho, linearidade, epifania, spoiler, interatividade, monólogo interior, emoção interior, e prefiguração não se fizeram presentes, pois suas utilizações são mais comuns em textos literários, sem compromisso com a realidade e com a veracidade, nos quais há maior necessidade de artifícios para criar um universo que faça sentido e atraia o leitor.

Em suma, a análise dessas técnicas narrativas e literárias representam o poder do vínculo entre literatura e jornalismo. Ao contrário do que muitos teóricos conservadores dizem, a intersecção entre esses dois mundos é benéfica para ambos os lados.

Neste trabalho não se abordou as influências do jornalismo no caminho literário, o objetivo se restringiu ao objeto de estudo: como o jornalismo importa as

técnicas da literatura sem se perder da verdade, utilizando como lupa a obra de Peter Beaumont.

Com a tríade descrição, diálogo e subjetividade, o jornalista literário consegue ir aonde o jornalismo convencional nunca conseguiu: aos 360º da informação, nos quais o acontecimento não é plano e superficial, e sim, algo complexo e tridimensional, que precisa de aprofundamento para apreender as implicações e relações do ocorrido.

O trabalho de apuração não é pontual, é extensivo e intensivo para que o público seja realmente informado sobre o que ocorreu, sem aprisionar-se às impressões de um ou outro.

Esse projeto não desvaloriza o jornalismo convencional, mas, sim, sugere uma complementariedade entre jornalistas *hard news* e jornalistas literários, pois, dessa forma, o compromisso com a verdade será mantido e valorizado ainda mais.

No entanto, como esse pacto funcionaria? O jornalismo convencional segue com sua missão de trazer a notícia, rapidamente, às pessoas, sem muitos detalhes, apenas com pequenas nuances para atualizar o público. Enquanto isso, o Jornalismo Literário vai atrás dos personagens, das testemunhas, remontando o cenário para explicar, com calma e assertividade, o pré, o durante e o pós-fato, sem deixar-se levar por meias verdades e pontos de vista falhos.

Em síntese, como há poucas produções acadêmicas a respeito do Jornalismo Literário, esse presente trabalho pode servir como embasamento para pesquisadores analisarem narrativas jornalísticas brasileiras, como as de Caco Barcellos, Daniela Arbex e Roberto Saviano, uma vez que além de demonstrar as técnicas utilizadas, haverá uma disseminação da obra estudada para inúmeros leitores, valorizando, assim, as produções feitas no Brasil.

Referências Bibliográficas

BEAUMONT, Peter. **A Vida Secreta da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASSANO, Mauro. **A noite dos gatos zumbis.** Porto Alegre, 2015. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/266564449/Resenha-Livre-a-Vida-Secreta-Da-Guerra. Acesso em: 14 jun.2020

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário: uma introdução.** Brasília: Casa das musas, 2010.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio e et al. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

FANDOM. **LOSTpédia.** Disponível em: https://lostpedia.fandom.com/pt/wiki/Flash-sideways#:~:text=Na%20literatura%2C%20nos%20filmes%2C%20na,os%20eventos%20reais%20(ou%20apenas. Acesso em: 22 jul. 2020

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia. **Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário.** Guarapuava, 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0142-1.pdf. Acesso em: 7 jun.2020

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2008.

_____**. Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: EdUsp, 2010**.**

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10948. Acesso em: 27 mai.2010.

_____. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442017000300021&script=sci_arttext. Acesso em: 27 mai.2020.

MONTIPÓ, Criselli; FARAH, Ângela. **Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador.** Guarapuava, 2009. Disponível em: https://www.unicentro.br/redemc/2009/74%20relato%20montipo%20farah%20OK.pdf . Acesso em: 28 mai.2020.

MOREIRA, Daniele. **"Figuras de Linguagem"**. InfoEscola. Disponível em: https://www.infoescola.com/portugues/figuras-de-linguagem/. Acesso em 20 de julho de 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**. São Paulo, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2006.64695. Acesso em: 7 jun.2020.

PEREIRA Jr, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PERNAMBUCO. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado.** Disponível em: https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/292-quando-a-guerra-precisa-de-fato-ser-deflagrada.html. Acesso em: 14 jun.2020.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** RuMoRes, v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013.

STYCER, Maurício. **Um correspondente de guerra no divã.** São Paulo, 2010. Disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2010/12/02/um-correspondente-de-guerra-no-diva/. Acesso em: 14 jun.2020.

THE GUARDIAN. **Support The Guardian: available for everyone, funded by readers.** Disponível em: https://www.theguardian.com/profile/peterbeaumont. Acesso em: 14 jun.2020.

VILARINHO, Sabrina. **"Descrição"**. Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/redacao/descricao.htm. Acesso em: 19 jul. 2020.